

Infecção preocupa os enfermeiros

Desde 1986, o Sindicato dos Enfermeiros do Distrito Federal produz relatórios bianuais sobre a rede hospitalar, alertando para uma crise que se aprofunda ano a ano e é agravada por problemas como os erros de engenharia cometidos na construção de hospitais e capazes, por exemplo, de incrementar os índices de infecção. É o caso do HRC, onde o Centro Cirúrgico tem apenas uma entrada, além das portas do vestiário feminino e da sala de repouso dos médicos, que dão acesso a corredores.

O diretor do hospital disse que, de fato, "roupas contaminadas chegam a ficar duas horas em um hamper (espécie de cesto de roupas sujas) na porta do Centro Cirúrgico. O relatório de 1990 afirma também que foram criados novos programas, como os de tratamento de Mal de Hansen e doenças sexualmente transmissíveis, sem que os Centros de Saúde dispusessem de espaço para isto. E aponta um déficit de 822 enfermeiros na rede — número maior do que o de profissionais em atividade (738). Abaixo, alguns dos problemas constatados pelas chefias de enfermagem no ano passado:

Falta de manutenção — Faz com que aparelhos caríssimos, alguns importados, como monitores, carros de anestesia e eletrocardiógrafos estraguem mais rapidamente, ficando virtualmente inutilizados:

Falta de reparos nos prédios e equipamentos — Leva à proliferação de vasos sanitários, portas, cadeiras de roda, torneiras quebradas. Nas regionais do Gama, Taguatinga e Ceilândia, há vazamentos na tubulação interna, chegando à exposição de feixes de fios elétricos, com risco de vida para servidores e pacientes. O Centro Cirúrgico do HRC está sendo pintado, como deve acontecer anualmente, com tinta doada e em quantidade insuficiente; o vestiário e a sala de repouso ficarão sem pintura nova. Há oito meses, o diretor tenta pintar as paredes do Pronto-Socorro, mas não obtém os recursos necessários.

Falta de medicamentos — O Sindicato listou 25 dos principais medicamentos em constante falta na rede. A lista inclui até comprimidos de uso corriqueiro, como o AAS (infantil e adulto). Também costumam faltar hipoglós e penicilina cristalina.

Falta de material de consumo — A lista elaborada pelo sindicato inclui 45 itens e termina, como no caso dos medicamentos, como etc. Chegam a faltar materiais tão básicos quanto gases, esparadrapo e algodão. Também faltam lâmpadas, equipos para soro, copos, canetas, régua, papel almaço...

Falta de material permanente — Também terminando por etc, a listagem contém 31 itens, como bisturis elétricos, eletrocardiógrafos, pinças cirúrgicas em geral, tesouras para retirada de pontos, bacias para banho, macas com rodas de proteção e bandejas de inox.

Área física insuficiente — Faltam leitos na sala de recuperação do Centro Cirúrgico do HRC, onde o expurgo fica junto à guarda de material. O Centro de Material e Esterilização, no mesmo hospital, não tem ligação direta com centro cirúrgico. Pelos corredores passam material esterilizado e material contaminado. No Hospital Regional de Taguatinga, faltam, por exemplo, boxes de internação, fazendo com que pacientes se amontoem nos corredores. Também ali, não há local para guarda do lixo, que se acumula nos banheiros dos pacientes. (M.C.)